

O disciplinamento heterossexista no conto *A moralista* de Dinah Silveira de Queiroz

Heterosexist discipline in the short story *A moralista* by Dinah Silveira de Queiroz

Frédéric Grieco¹

Resumo

No conto *A moralista*, da escritora brasileira Dinah Silveira de Queiroz (1980), publicado originalmente em 1957, uma narradora rememora como sua mãe se tornou uma moralista na pequena cidade fictícia chamada Laterra. Exercendo o papel de uma conselheira comportamental e moral, a mãe da narradora reverbera os ideais da pastoral cristã e dos paradigmas heterossexistas e patriarcalistas que perpassam e regulam as relações sociais de Laterra. O conflito principal do conto ocorre com o surgimento de um rapaz percebido por essa sociedade como “viciado”, por não se adequar totalmente aos ideais performativos de masculinidade, que faz com que a moralista tente discipliná-lo e conformá-lo aos padrões tradicionais de gênero. E é exatamente sobre esse conflito narrativo que este artigo se debruça hermenêuticamente, dialogando com as leituras de Suely Leite (2012), Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2012) e Patrícia Sheyla Bagot de Almeida (2017). Embaso teoricamente minha crítica literária em reflexões sobre a homofobia desenvolvidas por Didier Eribon (2008) e Daniel Borrillo (2016), em postulações de Michel Foucault (2012, 2014, 2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2016d) sobre o poder disciplinar e seus dispositivos, e no conceito de performatividade de gênero de Judith Butler (2003).

Palavras-chave: *A moralista*. Disciplinamento heterossexista. Performatividade de gênero. Masculinidade. Homofobia

Abstract

In the short story *A moralista*, by Brazilian writer Dinah Silveira de Queiroz (1980), originally published in 1957, a narrator remembers how her mother became a moralist in the small fictional town called Laterra. Taking on the role of a behavioral and moral counselor, the narrator's mother echoes the ideals of Christian pastoral and heterosexist and patriarchal paradigms that permeate and regulate Laterra's social relations. The main conflict in the story occurs with the appearance of a boy perceived by this society as an “addict”, as he does not fully adapt to the performative ideals of masculinity, which leads the moralist to try to make him discipline and conform to the traditional gender norms. This article hermeneutically expatiates upon this narrative conflict, dialoguing with the readings of Suely Leite (2012), Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2012) and Patrícia Sheyla Bagot de Almeida (2017). My literary criticism is theoretically based on reflections on homophobia prompted by Didier Eribon (2008) and Daniel Borrillo (2016), on Michel Foucault's (2012, 2014, 2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2016d) postulates about disciplinary power and its dispositifs, and on Judith Butler's (2003) concept of gender performativity.

Keywords: *A moralista*. Heterosexist discipline. Gender performativity. Masculinity. Homophobia

Recebido em: 12/07/2020.

Aceito em: 20/10/2020.

¹ Doutorando na área de estudos literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

Introdução

O conto *A moralista*, da escritora brasileira Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), publicado originalmente em 1957, na coletânea intitulada *As noites do morro do encanto* (QUEIROZ, 1980), é centrado nas memórias da narradora sobre sua mãe, que vivia numa pequena cidade fictícia chamada Laterra. Logo no início do conto, a narradora se recorda que, certa vez, uma espírita dissera à sua mãe que ela tinha “[...] um poder extraordinário sobre os outros” para aconselhá-los, proveniente “[...] de sua própria mediunidade” (QUEIROZ, 1980, p. 31). Envaidecida pelo seu “dom”, a personagem passou a encarnar cada vez mais o papel social de uma moralista, sendo que foi ela própria que espalhou, inicialmente, a “revelação” da espírita sobre o dom moral que tinha – ou, melhor, que deveria ter – sobre os outros: “Mamãe repetiu aquilo umas quatro ou cinco vezes, entre as amigas, e a coisa pegou, em Laterra” (QUEIROZ, 1980, p. 31).

Pouco tempo depois, quando a cidade “[...] ficou sem padre, porque o vigário morrera, e o bispo não mandava substituto” (QUEIROZ, 1980, p. 32), a personagem ganhou ainda mais destaque como uma figura de referência moral, de tal forma que ela passou até mesmo a ser vista por alguns como uma “padra” – epíteto que ela dissimula rejeitar. Entretanto, a falsa modéstia da moralista não passa despercebida pela filha que rememora que “ela havia achado sua vocação” (QUEIROZ, 1980, p. 33). Paulatinamente, a mãe da narradora vai ganhando cada vez mais destaque na cidade, passando a fazer, inclusive, sermões em contextos mais formais, através da espontânea fundação social chamada de “[...] Círculo dos Pais de Laterra, que tinha suas reuniões na sala da prefeitura” (QUEIROZ, 1980, p. 33). A partir de então, a moralista ganha fama além das fronteiras de Laterra: “Vinha gente de longe, para ouvir mamãe falar. Diziam todos que ela fazia um bem enorme às almas, que a doçura das suas palavras confortava quem estivesse sofrendo. Várias pessoas foram por ela convertidas” (QUEIROZ, 1980, p. 33). E é nesse contexto que a personagem se depara com o desafio de resolver o difícil caso de um rapaz “viciado”, que lhe pediu ajuda para superar a sua “desgraça moral”:

Um dia, mamãe disse a meu pai, à hora do almoço:

– Hoje me trouxeram um caso difícil... Um rapaz viciado. Você vai empregá-lo. Seja tudo pelo amor de Deus. Ele me veio pedir auxílio... e eu tenho que ajudar. O pobre chorou tanto, implorou... contando a sua miséria. É um desgraçado!

Um sonho de glória a embalou:

– Sabe que os médicos de Santo Antônio não deram nenhum jeito? Quero que você me ajude. Acho que ele deve trabalhar... aqui. Não é um sacrifício para você, porque ele diz que quer trabalhar para nós, já que dinheiro eu não aceito mesmo, porque só faço caridade!

O novo empregado parecia uma moça bonita. Era corado, tinha uns olhos pretos, pestanudos, andava sem fazer barulho. Sabia versos de cor, e às vezes os recitava baixo, limpando o balcão. Quando o souberam empregado de meu pai – foram avisá-lo:

– Isso não é gente para trabalhar em casa de respeito!

– Ela quis – respondia o meu pai. – Ela sempre sabe o que faz!

O novo empregado começou o serviço com convicção, mas tinha crises de angústia. Em certas noites não vinha jantar conosco, como ficara combinado. E aparecia mais tarde, os olhos vermelhos (QUEIROZ, 1980, p. 33-34).

O desafio moral da mãe da narradora para curar o obscuro e terrível “vício” do rapaz se torna o eixo central da narrativa a partir de então. E é exatamente sobre esse

suposto “desvio de caráter” do jovem, sobre a abjeção da sociedade de Laterra em relação a esse rapaz e sobre a tentativa da moralista de disciplinar o corpo dele às performatividades tradicionais de masculinidade que o presente artigo busca refletir. A hipótese deste trabalho é a de que a sociedade de Laterra e, especialmente, a moralista exercem sobre o rapaz um disciplinamento heterossexista marcadamente homofóbico, tendo em vista a desconformidade dele às performatividades sexuais idealizadas socialmente. Para desenvolver esta análise, conto com reflexões teóricas de Michel Foucault (2012, 2014, 2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2016d), Judith Butler (2003), Daniel Borrillo (2016) e Didier Eribon (2008), assim como levo em consideração, de maneira convergente, complementar ou divergente, alguns trabalhos da fortuna crítica que analisaram o conto *A moralista* (FERNANDES, 2012; LEITE, 2012; ALMEIDA, 2017).

De acordo com Patrícia Sheyla Bagot de Almeida (2017) e Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2012), no conto *A moralista* (QUEIROZ, 1980), é possível observar uma profunda homofobia em relação ao rapaz “viciado” que a protagonista busca “amparar e tratar”. Entretanto, ao contrário do que esses autores defendem, não considero que a narrativa de Dinah Silveira de Queiroz permite inferir inquestionavelmente que o “vício” em questão seja a homossexualidade do rapaz. Não nego, contudo, que essa seja, evidentemente, uma leitura possível, mas apenas aponto que o conto não deixa totalmente claro qual seria o “vício” do rapaz ou o que ocorreu com ele antes de pedir ajuda para a moralista. Destaco, novamente, que o conto é construído a partir das memórias de uma narradora testemunha. E, sendo assim, o leitor se depara com grandes limitações narrativas, com dúvidas acerca da fidedignidade e precisão da memória da narradora, com desconhecimentos sobre a interioridade subjetiva das outras personagens e de acontecimentos ou diálogos que ela não presenciou, mas somente teve conhecimento por terceiros, engendrando assim uma narrativa sobre outras narrativas.

Dessa maneira, a narradora não possui um conhecimento pleno dos diálogos entre sua mãe e o rapaz, assim como não sabe – ou, talvez, não queira explicitar – qual era precisamente o “vício” dele. Apenas sabemos que ele possuía um jeito “afeminado”, que os habitantes de Laterra rejeitavam esse comportamento, tratando-o como um ser abjeto. Se o rapaz, além de “parecer uma moça bonita”, tinha ou não desejos ou comportamentos homoeróticos, não podemos afirmar peremptoriamente, mas, somente, afirmar que é uma possibilidade hermenêutica do conto. Talvez, o único “vício” do rapaz seja exatamente a sua inadequação aos paradigmas tradicionais de masculinidade, mesmo que ele não fosse um sujeito homoeroticamente inclinado.

Como apontei no parágrafo anterior, o rapaz sofre com uma homofobia profundamente presente na sociedade de Laterra. Contudo, faço algumas ressalvas sobre o sentido de homofobia empregado neste artigo. Compreendo homofobia como um dispositivo de inferiorização dos sujeitos que não estão em plena conformidade com o heterossexismo. De acordo com Daniel Borrillo (2016, p. 13), apesar de originalmente designar uma aversão ou hostilidade contra as/os homossexuais, o conceito de homofobia não pode ser reduzido a esse aspecto. A noção contemporânea de homofobia deve ser acompanhada de uma ampliação semântica convergente com o próprio desenvolvimento histórico do movimento LGBTQIA+ e teóricos dos estudos de gênero, feministas e *queer*. Não apenas a comunidade LGBTQIA+ sofre com a homofobia, mas todos aqueles, inclusive heterossexuais parcialmente de acordo com a cisgeneridade, podem ser vítimas, pontuais ou não, desse dispositivo opressor, caso não estejam totalmente em conformidade

com os paradigmas culturais do heterossexismo.² De acordo com Daniel Borrillo (2016, p. 16), a homofobia é uma

[...] guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino). Eis por que os homossexuais deixaram de ser as únicas vítimas da violência homofóbica, que acaba visando, igualmente, todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade...

A partir dessa ampla noção de homofobia, considero que o moço “viciado” sofre com esse tipo de opressão social porque ele não estava em plena conformidade com os paradigmas heterossexistas de masculinidade vigentes em Ladeira, independentemente se ele era ou não um sujeito homoeroticamente inclinado, algo que não é totalmente esclarecido pela narrativa. Além disso, se, por um lado, em Ladeira, há uma repressão e uma interdição dos comportamentos afeminados do rapaz “viciado”, há, por outro lado, um exercício de relações de poder-saber que não é meramente repressivo, mas também produtivo. Afinal, como defende Michel Foucault (2016a), o poder não é somente repressivo, mas também é produtivo: ele produz os corpos que busca governar.³ O caráter produtivo dessas relações de poder-saber que podemos observar no conto *A moralista* (QUEIROZ, 1980) diz respeito, por exemplo, às injúrias que o rapaz sofre. Tais injúrias não são uma mera sinalização repressiva de comportamentos indesejáveis, mas também são uma tentativa de produzir uma hierarquização dos comportamentos sexuais em Ladeira, na qual aqueles que estão em conformidade com os padrões heterossexistas ocupam uma posição de superioridade em relação aqueles que não estão. Ademais, as injúrias, ao engendram hierarquizações categoriais, buscam adequar, através de uma violência verbal e simbólica, os corpos a certas normas sociais. Segundo o filósofo francês contemporâneo Didier Eribon (2008, p. 27-29),

[...] o insulto é um veredito. É uma sentença quase definitiva, uma condenação perpétua, e com a qual vai ser preciso viver. [...] A “nomeação” produz uma conscientização de si mesmo como um “outro” que os outros transformam em “objeto”. [...] A injúria não é apenas uma fala que descreve. Ela não se contenta em me anunciar o que sou. Se alguém me xinga de “viado nojento” (ou “negro nojento” ou “judeu nojento”), ou até, simplesmente de “viado” (“negro” ou “judeu”), ele não procura me comunicar uma informação sobre mim mesmo. Aquele que lança a injúria me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele. E esse poder é primeiramente o de me ferir. De marcar a minha consciência com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo da minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo da minha personalidade. [...]

² Emprego o termo heterossexismo como um conceito-amálgama das noções de heteronormatividade e de sexismo, sendo que, em nossa sociedade, o sexismo é tradicionalmente misógino e patriarcalista.

³ Segundo Foucault (2016a, p. 44-45), “[...] a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder. Quando se definem os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica desse mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força da proibição. Ora, creio ser essa uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”.

A injúria é um ato de linguagem – ou uma série repetida de atos de linguagem – pelo qual um lugar particular é atribuído no mundo àquele que dela é o destinatário. Essa atribuição determina um ponto de vista sobre o mundo, uma percepção particular. A injúria produz efeitos profundos na consciência de um indivíduo pelo que ela diz a ele: “Eu te assimilo a”, “Eu te reduzo a”. [...] A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou (ERIBON, 2008, p. 27-29, grifos do autor).

A inadequação do rapaz aos padrões heterossexistas de Laterra, que o leva a sofrer injúrias homofóbicas, é constatada através das performatividades masculinas tradicionais que ele tem dificuldades de reproduzir. A filósofa feminista contemporânea Judith Butler (2003, p. 154) define performatividade de gênero como a citacionalidade, a reiteração performativa, de paradigmas socioculturais de masculinidade e feminilidade. A autora considera que é através dessas reiterações performativas que o heterossexismo é reproduzido no mundo ocidental, inclusive construindo as bases da diferenciação sexual, afinal, a demarcação do feminino e do masculino

[...] não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Além disso, afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória (BUTLER, 2003, p. 153-154).

Consonante com as reflexões de Judith Butler (2003) sobre a materialização performativa dos ideais regulatórios dos sexos, podemos observar que, no conto de Dinah Silveira de Queiroz (1980), a moralista busca disciplinar os mínimos comportamentos do rapaz para tentar adequá-lo às performatividades masculinas tradicionais:

Muitas vezes, mamãe se trancava com ele [o rapaz] na sala, e a sua voz, de tom igual, feria, era de repreensão. Ela o censurava, também, na frente de meu pai, e de mim mesma, porém sorrindo com bondade: – Tire a mão da cintura. Você já parece uma moça, e assim, então... Mas sabia dizer a palavra que ele desejaria, decerto, ouvir:

– Não há ninguém melhor do que você, nesta terra! Por que é que tem medo dos outros? Erga a cabeça... Vamos!

Animado, meu pai garantia:

– Em minha casa ninguém tem coragem de desfeitear você. Quero ver só isso!

Não tinham mesmo. Até os moleques que, da calçada, apontavam e riam, falavam alto, ficavam sérios e fugiam, mal meu pai surgisse à porta (QUEIROZ, 1980, p. 34).

Quando afirmo que a moralista tenta adequar disciplinarmente os comportamentos do rapaz em relação a certos paradigmas heterossexistas, faço um entrecruzamento da teoria de Judith Butler (2003) sobre performatividades de gênero com a teoria de Michel Foucault (2012) sobre o disciplinamento dos corpos. Não pretendo defender, entretanto, que há uma indissociabilidade entre a noção de performatividade de gênero (BUTLER, 2003) e de disciplinamento dos corpos (FOUCAULT, 2012), mas sim que, na cidade fictícia retratada no conto *A moralista* (QUEIROZ, 1980), é possível observar o estabelecimento de um disciplinamento heterossexista pautado em determinadas performatividades sexuais. Tendo em vista que já realizei uma exposição sintética do conceito de Judith Butler (2003), exponho a seguir a noção foucaultiana de disciplina:

O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado (FOUCAULT, 2012, p. 164, grifos do autor).

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam (FOUCAULT, 2012, p. 165).

A “disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia (FOUCAULT, 2012, p. 203, grifos do autor).

A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras (FOUCAULT, 2014, p. 34).

Patrícia Sheyla Bagot de Almeida (2017) também reflete que, no conto de Dinah Silveira de Queiroz (1980), é possível observar um processo de disciplinamento dos corpos exercido pela sociedade de Laterra – principalmente através da mãe da narradora – sobre o rapaz considerado como “viciado”. Almeida (2017, p. 47) ainda aponta que o maior feito da moralista “[...] era corrigir ou curar as pessoas transviadas, ou seja, todos aqueles cujo comportamento de alguma forma quebrava a ordem de uma moral cristã vigente”. A pequena sociedade de Laterra, que não contava com uma figura institucional do Catolicismo, confere à mãe da narradora um papel central de disciplinamento moral, em conformidade com preceitos da pastoral cristã, exercendo aquilo que Michel Foucault

(2016b, 2016c) denomina de microfísica do poder.⁴ O filósofo francês designa duplamente como microfísica do poder tanto o exercício de relações de poder-saber sobre os detalhes dos comportamentos individuais ou sociais como também a constituição do poder nas pequenas instâncias cotidianas da vida em sociedade (FOUCAULT, 2016b, 2016c). Em *A moralista* (1980), essas duas manifestações de microfísica do poder ocorrem de maneira disciplinar através de vários dispositivos, ou seja, mecanismos de articulação estratégica de relações de poder-saber (FOUCAULT, 2016d, p. 364-365).

Na sociedade de Laterra, aponto como os principais dispositivos que compõem aquilo que denomino de disciplinamento heterossexista o panoptismo, a homofobia e a confissão. O panoptismo, enquanto um mecanismo de profunda, difusa e constante vigilância comportamental (FOUCAULT, 2012), é facilmente exercido em Laterra especialmente pelas configurações espaciais da mesma: uma cidade pequena na qual todos conhecem todos, vigiando uns aos outros reciprocamente. As performatividades de gênero (BUTLER, 2003) são um importante objeto dessa vigilância disciplinar, através da qual é possível, por exemplo, punir verbalmente, por meio da injúria homofóbica, o rapaz “viciado” que se distancia das idealizações masculinas cristalizadas em Laterra. No conto de Dinah Silveira de Queiroz (1980), é possível inferir um patriarcalismo subjacente a tais idealizações sexuais, uma vez que há uma associação do masculino à altivez, à força, ao pragmatismo e ao mundo do trabalho, e há uma associação do feminino a aspectos ou características “inferiores” como o recato, a fragilidade, a frivolidade e a intimidade doméstica. O seguinte excerto da narrativa demonstra a importância e a rigidez binária dos gêneros sexuais em Laterra:

E o moço passou muito tempo sem falhar nos jantares. Nas horas vagas fazia coisas bonitas para mamãe. Pintou-lhe um leque e fez um vaso em forma de cisne, com papéis velhos molhados, e uma mistura de cola e nem sei mais de quê. Ficou meu amigo. Sabia de modas, como ninguém. Dava opiniões sobre meus vestidos. À hora da reza, ele, que era tão humilhado, de olhar batido, já vinha perto de mamãe, de terço na mão. Se chegavam visitas, quando estava conosco, ele não se retirava depressa como fazia antes. E ficava num canto, olhando tranquilo, com simpatia. Pouco a pouco eu assistia, também, a sua modificação. Menos tímido, ele ficara menos efeminado. Seus gestos já eram mais confiantes, suas atitudes menos ridículas (QUEIROZ, 1980, p. 34).

Como é notável no trecho supracitado, o cruzamento das fronteiras de gênero em Laterra é objeto de abjeção, de ridicularização. Por isso, quando o rapaz passa a ter um comportamento menos afeminado, ele se torna menos ridículo segundo a narradora. De acordo com Almeida (2017, p. 147), o conto de Queiroz (1980) nos possibilita uma reflexão sobre como as normas regulatórias de uma sociedade, tal como Laterra, “[...] são transmitidas por um processo histórico de manutenção de poder de uma classe patriarcal preponderante e que dita os comportamentos legitimados, encontrando seus ecos nos discursos miúdos da polícia do sexo”. Assim sendo, a leitura que faço sobre as configurações patriarcalistas da sociedade de Laterra, convergente com a leitura de Almeida (2017), é totalmente divergente da leitura de Suely Leite (2012), que defende que

⁴ Roberto Machado (2016, p. 14) aponta que Michel Foucault designa como microfísica do poder “[...] tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, à medida que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos”.

o discurso presente no conto “A moralista” propõe, de forma sutil, um novo modelo de atuação da mulher em direção ao social [...]. A representação masculina também supera as delimitações tradicionais da época; [...] o marido da protagonista, [por exemplo] lida melhor com as tensões do mundo, mostra-se de forma conciliadora, desvencilha-se das pressões sociais em busca da harmonia familiar, sua convivência no lar é marcada por admiração e demonstrações de carinho (LEITE, 2012, p. 87 grifos da autora).

A família retratada no conto apresenta mudanças, avanços em termos das relações afetivas dos papéis desempenhados por seus membros constitutivos. A mulher é aquela que detém a autoridade sobre sua casa, filhos e família e que, indo além, exerce uma influência no espaço público, tem consciência de seu papel político. O papel social que passa a exercer é forte o suficiente para que ela possa influenciar na imagem e nos negócios do marido, que fica encantado com o prestígio de ser o marido da moralista, apresentando claramente uma inversão dos papéis sociais (LEITE, 2012, p. 88).

Apesar da moralista do conto de Queiroz (1980) possuir certa autoridade na sociedade de Laterra, fazendo uma incursão pelo espaço público, não considero que há uma superação, mesmo que parcial, de uma economia discursiva patriarcalista, ao contrário do que defende Suely Leite (2012). A protagonista do conto apenas tem destaque e prestígio na sociedade fictícia como uma reprodutora do discurso patriarcal. Ela é uma vigilante das fronteiras de gênero e uma adestradora dos comportamentos desviantes do rapaz “viciado”, não pondo em xeque, em momento algum, o ideal regulatório do heterossexismo. A moralista nada mais é do que um arauto das relações de poder-saber disciplinares que perpassam a sociedade de Laterra.

A mãe da narradora, na sua função de moralista, possui também o papel de professora dos habitantes de Laterra, dada a ausência de um padre na cidade para exercer esse papel institucionalmente. Ela escuta os desafortunados, os infelizes, os desajustados ou os problemáticos e pondera o que deve ser feito ou não, estabelecendo o certo e o errado, o adequado e o impróprio, o moral e o pecaminoso. Dessa forma, a moralista exerce uma relação de poder-saber de superioridade sobre os demais habitantes de Laterra, principalmente sobre o rapaz “viciado”, uma vez que ela, ao ouvir as confissões, reproduz, na forma de conselhos ou orientações morais, os discursos da microfísica do poder vigente em Laterra. A confissão, que é um dispositivo disciplinar importante na pastoral cristã, é, segundo Foucault,

[...] um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar (FOUCAULT, 2015, p. 69).

[...] não é somente porque aquele que ouve tem o poder de perdoar, de consolar e de dirigir que é necessário confessar. [...] A verdade não está unicamente no sujeito, que a revelaria pronta e acabada ao confessá-la. Ela se constitui em dupla tarefa: presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, só podendo completar-se naquele que a recolhe. A este incumbe a tarefa de dizer a verdade dessa obscura verdade: é preciso duplicar a revelação da confissão pela decifração daquilo que ela diz. Aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade. Sua

função é hermenêutica (FOUCAULT, 2015, p. 75).

Ao longo do tempo, o rapaz “viciado”, submetendo-se ao adestramento heterossexista, através da vigilância comportamental, da homofobia que sofre e das confissões que faz para a moralista, vai gradativamente se adequando aos padrões performativos de masculinidade. Entretanto, à medida que isso ocorre, a proximidade e a intimidade entre o rapaz e a moralista vão despertando um incômodo na sociedade de Laterra, dado que a amizade entre um homem e uma mulher numa cultura heteronormativa costuma ser alvo de comentários sociais de um suposto heteroerotismo entre eles, como é notável no seguinte excerto do conto:

Mamãe, que policiava muito seu modo de conversar, já se esquecia de que ele [o rapaz] era um estranho. E ria muito à vontade, suas gostosas e trêmulas risadinhas. Parece que não o doutrinava, não era preciso mais. E ele deu de segui-la fielmente, nas horas em que não estava no balcão. Ajudava-a em casa, acompanhava-a nas compras. Em Laterra, soube depois, certas moças que por namoradeiras tinham raiva de mamãe, já diziam, escondidas atrás da janela, vendo-a passar:

– Você não acha que ela consertou... demais?

Laterra tinha orgulho de mamãe, a pessoa mais importante da cidade. Muitos sentiam quase sofrimento, por aquela afeição que pendia para o lado cômico. Viam-na passar depressa, o andar firme, um tanto duro, e ele, o moço, atrás, carregando seus embrulhos, ou ao lado, levando sua sombrinha, aberta com unção, como se fora um pálio. Um franco mal-estar dominava a cidade. Até que num domingo, quando mamãe falou sobre a felicidade conjugal, sobre os deveres do casamento, algumas cabeças se voltaram quase imperceptivelmente para o rapaz, mas ainda assim eu notei a malícia. E qualquer absurdo sentimento arrasou meu coração em expectativa.

Mamãe foi a última a notar a paixão que despertara:

– Vejam, eu só procurei levantar seu moral... A própria mãe o considerava um perdido – chegou a querer que morresse! Eu falo – porque todos sabem – mas ele hoje é um moço de bem!

Papai foi ficando triste. Um dia, desabafou:

– Acho melhor que ele vá embora. Parece que o que você queria, que ele mostrasse que poderia ser decente e trabalhador, como qualquer um, afinal já consegui! Vamos agradecer a Deus e mandá-lo para casa. Você é extraordinária!

– Mas – disse mamãe admirada – você não vê que é preciso mais tempo... para que se esqueçam dele? Mandar esse rapaz de volta, agora, até é um pecado! Um pecado que eu não quero em minha consciência.

Houve uma noite em que o moço contou ao jantar a história de um caipira, e mamãe ria como nunca, levantando a cabeça pequenina, mostrando a sua nudez mais perturbadora – seu pescoço – naquele gorjeio trêmulo. Vi-o, ao empregado, ficar vermelho e de olhos brilhantes, para aquele esplendor branco. Papai não riu. Eu me sentia feliz e assustada. Três dias depois o moço adoeceu com gripe. Numa visita que mamãe lhe fez, ele disse qualquer coisa que eu jamais saberei. Ouviram pela primeira vez a voz de mamãe vibrar alto, furiosa, desencadeada. Uma semana depois ele estava restabelecido, voltava ao trabalho. Ela disse a meu pai:

– Você tem razão. É melhor que ele volte para casa.

À hora do jantar, mamãe ordenou à criada:

– Só nós jantamos em casa! Ponha três pratos...

No dia seguinte, à hora da reza, o moço chegou assustado, mas foi

abrindo caminho, tomou seu costumeiro lugar junto de mamãe:
– Saia!... – disse ela baixo, antes de começar a reza. Ele ouviu – e saiu, sem nem ao menos suplicar com os olhos.
Todas as cabeças o seguiram lentamente. Eu o vi de costas, já perto da porta, no seu andar discreto de mocinha de colégio, desembocar pela noite (QUEIROZ, 1980, p. 34-36).

Pelas limitações daquilo que a narradora testemunhou, não sabemos ao certo, enquanto leitores, o que o rapaz disse à moralista que tanto a incomodou colericamente. Podemos apenas especular diversas hipóteses. Teria o rapaz admitido uma paixão heteroerótica pela moralista? Ou teria ele dito que, apesar de todo o esforço disciplinar da moralista, ainda possuía desejos homoeróticos, caso ele fosse um sujeito homoeroticamente inclinado? Ou teria o personagem simplesmente desistido de tentar se adequar aos paradigmas performativos de masculinidade, dado que, por exemplo, após ser rejeitado pela moralista na hora da reza, ele volta a andar como uma “mocinha de colégio” segundo o olhar da narradora? A nebulosidade da narrativa se intensifica após a rejeição da moralista quando o rapaz

[...] não voltou para a sua cidade, onde era a caçoada geral. Naquela mesma noite, quando saía de Laterra, um fazendeiro viu como que um longo vulto balançando de uma árvore. Homem de coragem, pensou que fosse algum assaltante. Descobriu o moço. Fomos chamados. Eu também o vi. Mamãe não. À luz da lanterna, achei-o mais ridículo do que trágico, frágil e pendente como um Judas de cara de pano roxo. Logo uma multidão enorme cercou a velha mangueira, depois se dispersou. Eu me convenci de que Laterra toda respirava aliviada. Era a prova! Sua senhora não transigira, sua moralista não falhara. Uma onda de desafogo esprou pela cidade (QUEIROZ, 1980, p. 36).

A morte do rapaz, no desfecho do conto, torna a narrativa ainda mais obscura e, por isso mesmo, mais aberta a possibilidades hermenêuticas. O personagem teria cometido suicídio devido à abjeção homofóbica de Laterra? Ou alguns dos próprios habitantes da cidade o assassinaram para salvaguardar o ideal heterossexista e a “honra” da moralista? De qualquer forma, após a morte do rapaz, “uma onda de desafogo esprou pela cidade”, a normalidade foi reestabelecida, não havia mais a incômoda presença de um sujeito que tinha dificuldades de adaptação ao rígido ideal regulatório do heterossexismo. De acordo com Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2012, p. 128),

A imagem do morto é descrita de maneira sugestiva: pendurado em uma velha mangueira, o jovem fora encontrado como um “Judas de cara de pano roxo” — a voz narrante faz questão de enfatizar o estado do cadáver sem sensibilidade, numa espécie de zombaria pelo sujeito ao compará-lo a um boneco de Judas, remetendo a antiga tradição da malhação do Judas, ocorrida na Semana Santa, quando, geralmente ao meio dia do Sábado de Aleluia, um boneco era pendurado em um poste ou árvore para ser espancado até estar destruído e em pedaços, simbolizando uma punição ao responsável pela prisão de Cristo. Acreditamos que essa associação no conto não é gratuita e, assim como o Judas do Sábado de Aleluia, a morte da personagem configura a materialização da punição pelo seu comportamento diferente e não aceito pela sociedade. A voz narrante, além de conferir-lhe essa concepção, ridiculariza a imagem do defunto e ainda afirma que a cidade, agora, “respirava aliviada”. A morte da personagem leva o leitor a inferir duas possibilidades de causa: levando em consideração os comentários

maldosos dos moradores de Laterra, a conversa exaltada entre ele e a Moralista e a consequente expulsão, teria a personagem, em seu estado de angústia cometido suicídio? Ou, diante do mal-estar que o rapaz causava em todo o corpo social intolerante, metonimicamente configurado na população de Laterra, teria sido enforcado por outros que não toleravam o jovem?

Se seguirmos a possibilidade hermenêutica de que o jovem foi assassinado pela sociedade de Laterra pela sua inadequação às suas idealizações performativas e normativas de masculinidade, é pertinente apontar que haveria aí uma passagem de um disciplinamento heterossexista para uma punição homofóbica que se configura como um suplício espetacular. Esse possível homicídio seria um suplício espetacular porque configuraria uma exposição pública dos terríveis frutos de certas infrações comportamentais consideradas como graves. A morte do personagem seria uma severa punição exemplar nitidamente diferente dos moldes das pequenas punições ou coerções típicas do poder disciplinar. O fracasso do disciplinamento heterossexista, simbolizado, inclusive, pela rejeição pública da moralista em relação à mera presença do rapaz “viciado” ao seu lado na hora da reza, teria incentivado a adoção de outro mecanismo de poder naquela sociedade: o suplício espetacular de um homicídio exemplar ao ar livre. Entretanto, ressalvo que essa é apenas uma possibilidade interpretativa do conto; afinal, o suposto suicídio do rapaz diante das pressões homofóbicas de Laterra e da rejeição da própria moralista também é totalmente plausível.

Repleto de nebulosidades, o conto *A moralista* de Dinah Silveira de Queiroz (1980) não deve ser, portanto, limitado a leituras unívocas sobre a sexualidade do rapaz “viciado” e sobre a morte do mesmo. Devem ser levadas em conta também as ironias da narradora sobre a mãe, desnudando as ambiguidades do comportamento da moralista: recatada e séria em público, desinibida e risonha no ambiente doméstico. Além disso, as limitações da posição da narradora enquanto apenas uma testemunha dos acontecimentos de Laterra geram incertezas sobre as memórias da mesma, sobre a fidedignidade do que é contado, sobre aquilo que ela teve ou não conhecimento, e, ainda, sobre aquilo que ela deseja ou não revelar. Devemos nos questionar ainda sobre até que ponto a narradora estaria ou não tecendo críticas sobre o contexto sociocultural de Laterra, uma vez que ela própria ridiculariza em alguns momentos o comportamento afeminado do rapaz, apesar de apontar que eles haviam se tornado amigos. A narradora efetivamente se posiciona contra o disciplinamento heterossexista que o rapaz “viciado” sofreu em Laterra? Ela está sendo irônica ou não sobre a moral sexual da cidade que sente alívio com a morte do rapaz? Até que ponto a narrativa se distancia da cultura que a circunscrevia e constrói uma narrativa memorialística e de testemunho com um propósito deliberadamente crítico? O fato é que até mesmo as ironias e um suposto caráter crítico presente no olhar de quem narra são passíveis de dúvidas, perpassados por ambiguidades.

No conto *A moralista* (1980), Dinah Silveira de Queiroz constrói um universo ficcional que pode fazer o leitor refletir criticamente sobre as hipocrisias morais, a rigidez comportamental e as opressões sexuais – ora discursivamente sutis, ora fisicamente violentas – que ainda podem ser observadas principalmente em pequenas cidades brasileiras como a fictícia Laterra. Os personagens do conto, que não possuem nomes próprios, sendo nomeados somente por substantivos comuns, como “mamãe”, “papai” e “rapaz viciado”, podem ser interpretados como representantes de certas posições sociais de uma pequena cidade interiorana que, por sua vez, é a única a ganhar um nome próprio. Aspecto curioso e relevante da narrativa, a cidade, sendo a única figura a ganhar um nome próprio, torna-se, assim, talvez a verdadeira protagonista do conto e não a moralista, que

seria, nessa perspectiva, somente uma coadjuvante que reproduz e materializa a voz moral hegemônica daquela coletividade. Dessa forma, o rapaz “viciado” seria um antagonista do heterossexismo que sustentava, regulava e organizava rigidamente as relações sociais estabelecidas em Laterra – antagonista que, não podendo ser disciplinado, não deveria pertencer àquele lugar.

De acordo com Judith Butler (2003), a matriz heterossexual determina, em nosso contexto sócio-histórico-cultural ocidental, os corpos que “pesam” e que não “pesam”, que importam e que não importam. No regime de verdade do heterossexismo, aqueles que estão em conformidade com esse ideal regulatório, ao contrário daqueles que não estão, pesam, importam, têm legitimidade. Por isso, o rapaz “viciado” do conto de Queiroz (1980), afeminado e talvez um sujeito homoeroticamente inclinado, não teria importância para a sociedade de Laterra porque não materializava suas normas sexuais. Assim sendo, o corpo dele, pendurado numa mangueira, era “frágil e ridículo” porque, socialmente, não pesava. E, ironicamente, com a morte do jovem, toda a cidade se sentiu aliviada por ter se livrado de um fardo que era um corpo que não pesava.

Referências

ALMEIDA, P. S. B. de. O disciplinamento dos corpos no conto *A moralista*, de Dinah Queirós. In: CAMARGO, F. P. (org.). **Ensaio sobre literatura e homoerotismo masculino**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017. p. 143-156.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, G L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 151-172.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERNANDES, C. E. A. **Configurações do desejo homoerótico na contística brasileira do século XX**. 2012. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Campina Grande, 2012. Disponível em: http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/disserta%C3%A7%C3%B5es_2012/Carlos%20Eduardo%20A%20Fernandes.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Tradução: Raquel Ramalheite. 40. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. Tradução: Lilian Holzmeister; Angela Loureiro de Souza. In: FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a. p. 35-54.

FOUCAULT, M. Poder-corpo. Tradução: José Thomaz Brum Duarte, Déborah Darowski. In: FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b. p. 234-243.

FOUCAULT, M. Soberania e disciplina. Tradução: Maria Teresa de Oliveira, Roberto Machado. In: FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016c. p. 278-295.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. Tradução: Angela Loureiro de Souza. In: FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016d. p. 363-406.

LEITE, S. A representação da ordem patriarcal em “A moralista”, de Dinah Silveira de Queiroz. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v.13, n. 21, p. 83-93, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/187>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. p. 7-34.

QUEIROZ, D. S. de. A moralista. In: QUEIROZ, Dinah Silveira de. **As noites do morro do encanto**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. p. 31-36.